

O blog como lugar de construir e arquivar memória

São Paulo, 08 de julho de 2013.

Irene,

daqui a quinze dias você estará andando.

Já arrisca dois ou três passos, sozinha –mas ainda é um processo de descoberta intenso demais, que faz com que você sinta vontade, medo, euforia e dor (quando cai). O tal aprendizado.

Daqui a um mês, você estará falando as primeiras palavras com sentido. Hoje, seu dialeto nos indica caminhos do que você quer, ou pede, ou não quer, ou não pede. Mas virão palavras, em breve, em bom português.

Daqui a um ano, você estará andando e falando –simultaneamente. Terá vontades, medos, dores. Falará sobre alguns deles. Pedirá indicações de rumos, mas andarás por conta própria em direção ao que quer.

Daqui a uns anos, filha, iremos olhar para essa foto, juntos, e eu serei sua memória. Você não irá lembrar deste momento. Eu irei. Hoje, ao vê-la de pé e ensaiando um "cá" –que pretendia ser um "vem cá"–, imaginei que, no futuro próximo, você conseguirá andar e falar. Ao mesmo tempo.

E só existo para isso, filha.

Para caminhar ao seu lado. E dialogar.

Do seu pai,
Pedro.¹

En "Papeles viejos" voy publicando algunas páginas que encuentro en mis archivos pre-computadora.
¡Oh, la digitalización del mundo!²

Mundo das Cartas: Por que parou de escrever cartas para seu bebê?

Mariáh: Parei de escrever quando o Fernando fez um ano simplesmente porque, depois do seu nascimento, as cartas eram muito pessoais sobre a vida dele e comecei a pensar muito mais no que estava expondo sobre ele. Aí decidi parar de publicar. Tenho escrito ainda, mas em um caderno, só pra ele ler no futuro.³

Os blogs podem ser um espaço de arquivo e construção de memória? De acordo com estes três blogueiros, sim. Daniel Link utiliza seu blog por diversas

¹ Disponível em: < <http://www.doseupai.com/#!36/c1goh>> Acesso em: mar. 2014.

² Daniel Link comentando uma sessão se seu blog. Disponível em: <<http://linkillo.blogspot.com.ar/2005/01/por-qu-empezaste-llevar-un-blog.html>> Acesso em: mar. 2014.

³ Entrevista concedida por Mariáh ao site “Mundo das Cartas”. Disponível em: <<http://mundodascartas.com/wp/cartas-ao-meu-bebe/>> Acesso em: mar. 2014.

razões, entre elas, para organizar seus textos críticos e literários publicados em revistas, jornais e outros sites, para que estes não se percam pela internet. Em seu organizado blog há várias sessões como a citada “Papeles Viejos” (papéis velhos) em que posta textos que encontra fora da internet, na época “pré-computador” (expressão dele). Além do objetivo de arquivo, Link relata acontecimentos de sua vida, críticas de filmes e outras artes, e mesmo textos em tom mais coloquial, respondendo a perguntas sobre (sua) escrita na internet. A professora Mónica Bernabé me relatou que Link, por um tempo, publicou seus planos de aula com anotações no blog e, ainda que recebesse críticas de alguns professores que consideravam excessiva esta exposição, outros tantos visitavam com frequência o blog em busca destes ótimos e úteis materiais por ele compartilhados.

Já Pedro Fonseca quer, no futuro, ser a memória de sua filha, pois que esta não se lembrará do momento em que aprendia a andar, por exemplo. Por isso, escreve esta carta a sua filha relatando suas descobertas e medos, descrevendo cenas, gestos e pequenos ensaios de fala em “dialeto”, mas que serão “palavras em breve e bom português”. Anos virão e pai e filha poderão realmente ler juntos essas cartas. A pequena Irene não se lembrará do momento relatado, mas terá a oportunidade de (re)conhecer-se no passado. O mesmo pretendia Mariáh ao iniciar seu blog, além da finalidade de compartilhar a novidade com amigos. Mas, segundo ela, após um ano de nascimento de Fernando, ela considerou que as cartas estavam cada vez mais pessoais e abandonou o blog. Passou, depois, a escrever um caderno para o filho “ler-se” no futuro, sem platéia, e, conseqüentemente, sem aplauso e sem troca. Mas, talvez, no caderno, ela possa relatar detalhes mais íntimos do seu filho que ela acredita interessarem apenas a ele e a pessoas muito próximas.

Sinto que tenho alguma deficiência por não conseguir recordar acontecimentos marcantes de minha infância. Até mesmo de minha vida pessoal. Gosto de ler anotações de minha mãe e ouvir quando ela, meu pai e outros familiares lembram situações. Mas são poucos os registros escritos e filmados. Há muitas fotos. E, sendo a memória uma construção, acabo por utilizar a imaginação e criar enredos para estes registros fotográficos. Gosto de saber da infância de amigos e desconhecidos. Gostaria de ter mais material sobre meu passado. Minha irmã consegue se lembrar de tantos detalhes que por vezes chego a duvidar de que

realmente os presenciei tamanha a minha falta de registro. Por isso escrevo. Para partilhar-me e escrever minha própria vida. Afinal, quando escrevemos nossas memórias, nossas ideias, pensamentos, estamos criando-nos como personagem de nossa vida. Quem eu penso que sou? Como eu gostaria de ser? Quem é essa pessoa que eu escrevo ser?

A “escrita de si” sempre me intrigou. Escrevi alguns diários durante a vida (que na adolescência passam a ser chamados de agenda, em tentativa de evitar parecer infantil, creio). E escrevo em blog. Blogs. Desde maio de 2007 mantenho um. E, em junho de 2012, enquanto escrevia os trabalhos do Mestrado, criei outro, para desaguar minhas palavras que não cabiam no texto acadêmico. Para diferenciá-lo de meu blog, digamos, mais “literário”, escancarei-me em seu título: “Diário de uma escritora preguiçosa”⁴. Não busco mudar minha realidade social, apesar de fazer críticas às vezes, tampouco quero escrever a História, apesar de escrever a minha. Meu objetivo talvez seja dar espaço aos pensamentos, dialogar com as pessoas, não me sentir sozinha e, sim, criar memória.

Quando pequena eu tinha diários, às vezes escrevia em códigos (facilmente descobertos por minha irmã mais nova), copiava algum poema ou frase ou música que me marcasse, colava um adesivo. Ah, eu amava papéis de carta, colecionava, trocava na escola e comprava novos em uma lojinha chamada “Batom” perto da casa de minha avó. Diários viraram agendas na adolescência, incluindo mais segredos, recados de amigos e embalagens de bombons. Era uma forma de registro pessoal e íntimo. Bem pessoal e bem íntimo. Mas não secreto. Não secreto, porque, no fundo, eu sempre esperava que alguém lesse, mesmo que essa leitora fosse eu mesma, dez anos depois. Se quando criança eu escrevi para o “amigo” diário, sempre querido, adolescente, eu já permitia que amigas o lessem. E, quando comecei a escrever poemas, a vontade de mostrá-los era igual ou maior que a timidez absurda.

E pois que, tendo inventado para mim uma personagem a que se atribuiria “memória fraca”, reler o que eu escrevi quando mais nova traria a revelação da minha trajetória, da história que teria vivido e sentido ou, ainda, o que eu pensava. Reler meu passado é como buscar a linha desfiada e trazê-la de volta ao pano,

⁴ Disponível em: <<http://diariodeumaescritorapreguicosa.blogspot.com.br/>> Acesso em: mar. 2014.

para continuar a escrever-me⁵. Faço esse movimento de costura através da leitura de escritos antigos, fotos guardadas, buscando ouvir as versões de quem vivenciou tais momentos e, assim, vou construindo minha própria colcha de retalhos – quem fui, quem sou.

A escritora Rosa Montero, em seu livro *A louca da casa*, relata que a ferramenta que a auxilia a recordar seus acontecimentos do passado são os amores que viveu e os livros que escreveu; assim, ordena suas recordações:

“Ah, aquel viaje a Japón debió de ser la época en la que estaba con J., poco después de escribir ‘Te Trataré como a una reina’”, me digo, e inmediatamente las reminiscencias de aquel período, las desgastadas pizcas del pasado, parecen colocarse en su lugar. Todos los humanos recurrimos a trucos semejantes⁶.

Porém, a escritora diz pouco recordar de sua infância e adolescência, quando, pois, ainda não namorava nem publicava livros. Ela diz sentir-se “pasma” ao ler relatos perfeitos de infância em autobiografias de alguns escritores, que ela acredita serem “recreación, un mito, un invento”⁷. A seu ver, o que relatamos de nossa infância hoje não será o mesmo que relataremos dentro de vinte anos. Assim como eu, ela, por vezes, compartilhava com sua irmã recordações de uma mesma época da infância e percebia o quanto eram distintas as recordações de ambas. Segundo ela, “inventamos nuestros recuerdos, que es igual que decir que nos inventamos a nosotros mismos, porque nuestra identidad reside en la memoria, en el relato de nuestra biografía”⁸.

Há um trecho de poema em meu blog que “comprova” minha dificuldade de guardar registros em mente:

na época do pré-vestibular
eu tomava um (remédio) para memória
chamava memoriol
juro
minha mãe disse que desde bebê
fui fraquinha
imunidade baixa
toda hora doentinha
ela, jovem em outra cidade

⁵ Como diz Ricardo Piglia, em *Prisão perpétua*, as lembranças espontâneas raramente coincidem com os registros de diário. Assim, percebemos que nem inscrições verbais, nem mentais correspondem exatamente aos acontecimentos. (cf. PIGLIA, R. *Prisão perpétua*. Trad. Sérgio Molina e Rubia Goldoni. São Paulo: Iluminuras, 1989. p. 13.)

⁶ MONTERO, Rosa. *La loca de la casa*. Madrid: Santilla Ediciones Generales, 2006. p. 9.

⁷ Idem, p.10

⁸ Idem, p.10

chorava, tadinha.⁹

Talvez a chave para a “memória fraca” venha da imunidade baixa. Vai saber. O certo é que a criança, crescida e mais resistente, pode ter passado a não se deixar “contaminar” pelos conselhos alheios e acontecimentos ao redor, criando, assim, saudavelmente, sua própria história. O único poema que eu talvez saiba de memória, não por acaso, sempre disse muito sobre mim: “Eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa/ Não sou alegre nem sou triste: /sou poeta”.¹⁰ Certa vez, minha madrinha, que é terapeuta floral, conversou com minha mãe, disse que eu andava triste e por isso ela estava preocupada. Ela creditou tal tristeza a um poema que havia lido em meu blog. Minha mãe, com sabedoria e calma, respondeu: Ela não está triste, ela é poeta.

Tantas vezes releio meus próprios textos antigos e vejo o quanto mudei, mudaram, os caminhos. Quando entrevistei rapidamente a compositora, cantora (da banda Letuce) e atriz Letícia Novaes, via facebook, falamos um pouco sobre o porquê desse “vício da escrita íntima” na internet. Ela disse que sempre teve diários e agendas e o blog lhe pareceu uma evolução dos mesmos, além de ser uma forma de contato com outras pessoas que gostam de literatura, e uma fonte para ela mesma beber-se depois: “Releio (o blog), tempos depois. Rio, tenho vergonha, mas não mexo mais”. Ela, que escreve muito sobre “causos” e memórias de sua infância e adolescência no blog *Donzelices*¹¹, acha mais rápido digitar do que escrever a caneta e acaba guardando muitas dessas histórias na internet, ainda que acredite ter tudo salvo no computador.

Segundo Andreas Huyssen, citando por Ana Cláudia Viegas, a emergência da memória é “uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSSSEN apud VIEGAS, p.6), e as “novas tecnologias da informação e as políticas midiáticas alteram as relações entre memória e esquecimento” (p.7)¹². Há o medo do esquecimento.

⁹ Disponível em: <<http://diariodeumaescritorapreguicosa.blogspot.com.br/2013/07/memoria-medicinal-i.html>> Acesso em: mar. 2014.

¹⁰ *Motivo*, de Cecília Meireles. Para ouvir, poema musicado por Fagner: <http://letras.mus.br/fagner/45931/>

¹¹ Disponível em: <www.donzelices.blogspot.com> Acesso em: mar. 2014.

¹² VIEGAS, Ana Cláudia. *Escritas on-line*: novos modos de circulação da literatura contemporânea

Um dos blogs que ilustram essa pesquisa é o *Do seu pai*¹³, com escritos e fotos do publicitário Pedro Fonseca, morador de São Paulo, que transferiu com sua mulher o trabalho de ambos para casa, para passarem mais tempo com seus filhos João, de 5 anos, a pequena Irene e a recém chegada Teresa¹⁴. Em meio a projetos e afazeres domésticos, ele capta momentos interessantes de seus filhos, ou escreve-lhes falando sobre a importância que sua esposa (mãe deles) tem na vida de todos, ou sobre uma tia que estava distante e estreitou os laços, ou sobre as manifestações de junho de 2013 das quais ele participou, entre tantas outras coisas. O que Pedro tenta, de alguma forma, é criar memória para o futuro, escrevendo pensamentos e acontecimentos do presente para que possam ser lidos pelos pequenos num futuro próximo. Esse e tantos outros blogs (*Cartas para meu bebê*, *Para Francisco*, e mesmo o meu iniciado *Para Bel com carinho*) parecem querer o mesmo, todos destinados, a princípio, “para” uma criança.

Já outros blogs, ou algumas de suas postagens, parecem buscar resgatar uma memória passada, emoldurá-la para que não seja esquecida, valorizá-la para que possa ser relida quantas vezes se desejar ao longo do tempo. Eu mesma, por vezes, em meus blogs, escrevo pequenas memórias, antigas, minhas, de parentes, buscando conexões ou apenas emocionando-me com a criança que eu não me lembro ter sido. É uma maneira de resgate, não exatamente um apego ou supervalorização do passado. “Emoldurar”, de alguma forma, as memórias é um exercício de (re)conhecimento, mas que envolve, certo risco, em consumir demasiada energia nesta ação de retorno enquanto a vida presente pede pressa.

3.1 Escritas “poético-recordativas”¹⁵

Sem lembranças não somos ninguém
– a memória é nosso próprio ser,

¹³ Disponível em: <<http://www.doseupai.com>> Acesso em: mar. 2014.

¹⁴ Para o nascimento de Teresa, Pedro escreveu uma carta curta <<http://www.doseupai.com/#!63/c1xlp>> e, posteriormente, outra relatando de maneira verdadeira e sem moralismos gravidez e parto (natural após duas cesáreas), com vídeo ao final da postagem: <<http://www.doseupai.com/#!66/cjhh>>

¹⁵ Como ficou dito, no capítulo 1 e reiterado nos seguintes, interessam-me, em especial, os blogs que se compõem seguindo os gêneros identificados como “escritas de si”, particularmente, aqueles voltados para o registro da memória pessoal. Como grande parte de tais conjuntos de postagens demonstram preocupação artística, cunhei, para classificá-los a expressão “escritas poético-recordativas”.

nossa fibra íntima.¹⁶

Buscando textos destes blogs me deparei com um da Letícia Novaes (de seu antigo blog) que me levou às lágrimas como da primeira vez que eu a li, quando era apenas sua fã, e ainda não amiga. Ao iniciar o texto, ela escreve: “esse texto é velho, achei que tinha perdido no meu arquivo infinito do fotolog, qual foi minha surpresa quando não o achei solto num word da vida”. Pois que às vezes a vontade de escrever surge tão forte que escapa a necessidade “offline” de arquivar o texto. É curioso que o teclado e a tela do computador, com escrita direto no blog, sejam a ferramenta afetiva escolhida.

A postagem mencionada de Letícia é uma memória intitulada “pra marina”. O texto me emociona como poemas, romances e outras expressões artísticas já me emocionaram, pela história contada e pelo modo como Letícia a conta. Esta escrita “recordativa” como forma de homenagem (o título é dedicado à prima) utiliza descrições, pensamentos e metáforas que se apresentam em frases curtas como fluxo de pensamento. A autora escreve consciente da presença de um leitor e dialoga com ele (“achei um caderno de perguntas, você sabe, aquele caderno com perguntas, todos respondiam”). Ainda que seja de certa forma destinado a sua prima, é a um leitor desconhecido que Letícia se dirige na maior parte do texto, apresentando a ele (a nós) traços das personalidades sua e de Marina, através de pensamentos seus sobre si mesma, e de situações compartilhadas por ambas durante a vida. Apenas ao final, após uma linha em branco como uma divisão para o texto, Letícia escreve dirigindo-se diretamente à prima, e o “você” antes referindo-se ao leitor passa a ser Marina: “eu espero na escadinha, enquanto você caminha até mim”.

De uma frase a outra a autora se desloca entre passado, presente e futuro, através de um estilo de escrita atraente, como um desabafo, como se estivéssemos presentes a ouvir essa história e fôssemos envolvidos na atmosfera que suas palavras criam atizando a curiosidade do leitor. Estas escritas “poético-recordativas” caracterizam-se por valerem-se de lembranças para produzir efeitos artísticos. O texto completo desta postagem encontra-se nos anexos. Destaco,

¹⁶ SCHITTINE, Denise. *Blog: Comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

abaixo, trechos (transcritos aqui em fragmentos, mas sem reticências entre eles para não interromper o fluxo da leitura) e a foto do post:



Figura 4 – Imagem que acompanha texto da postagem do blog de Letícia Novaes.

me concentro, fechando os olhos para que o mundo não me perturbe, e tento lembrar mais, sempre lembrar mais. vida interrompida de maneira bruta e imbecil. morreu completando outra idade. envelheci 20 anos. após o ritual de enterro, fui ao cinema, dopada, não podia ficar em casa, não podia ficar parada, não podia existir depois. achei um caderno de perguntas, ela respondeu. com fome, eu lia todas as suas respostas, pois ali se fazia presente viva. era um telefonema. a pergunta de número 32 era: “você tem medo, de quê?”. ela respondeu: de morrer cedo. ... Flores que parecem nariz, do alto desse coreto, eu espero na escadinha, enquanto você caminha até mim. Talvez chova essa tarde. Cai a lua. Girassol¹⁷

Abaixo segue um exemplo de outra escrita “poético-recordativa”. O blog é de uma ex-aluna deste mesmo curso de Mestrado e minha amiga desde os 17 anos, quando ainda morávamos em Cabo Frio. Joana Rabelo é professora de artes, atriz, e escreve poesias fortes e doces como ela. O título de seu blog é uma brincadeira com uma expressão coloquial que ela diz ouvir em algumas palestras ou aulas, um jogo de palavras que abrevia a expressão “Não é? Quero dizer...”, utilizada como função fática em discursos orais. O nome/título do blog dá as boas-vindas ao leitor de forma cotidiana e bem-humorada. Podemos observar que o fator cativante destas escritas “poético-recordativas” é mais a maneira de apresentação que o assunto rememorado em si.

¹⁷ Disponível em: <http://lettuce.blogger.com.br/2008_07_01_archive.html> Acesso em: mar. 2014.



18

Figura 5 – Reprodução do Blog de Joana Rabelo.

Diferente de Letícia, que apresentou memórias em prosa, Joana o faz em versos. O longo poema poético-recordativo de Joana traz para o presente (ou nos leva para o passado) a pequena criança que foi, através de lembranças suas e de seus familiares. Com escrita ligeira, envolve o leitor pelas esfumaçadas imagens: “não lembro muito mais.../Não sei o que estou querendo dizer.../talvez tudo isso não passe de um grande preâmbulo para dizer nada.../talvez...”. A autora, em dado momento, pausa a narrativa para dirigir-se a alguém, a personagem “Menina”, que é inserida ao texto pelo mote de, assim como as crianças da rua onde a personagem-narradora morava, por-lhe apelidos e nomes: “então eu fui esse monte de coisas/cheia de nomes/você também cuidou de me dar alguns”. A partir deste ponto, as indagações e reflexões ocupam o lugar das recordações, quando a autora, dando a volta na costura de si, comparando a criança e a adulta, atualiza, no último, o primeiro verso: “acho que ainda sou criança de ir com estranhos”.

Abaixo, outro exemplo de blog (esse, atual, de Letícia) com o mesmo tom recordativo. Esse texto dialoga bastante com o da Joana por parecer uma tentativa de fixar acontecimentos passados através de relatos de familiares, unindo a estes uma possível fabulação como reinvenção. É como se convidassem o leitor a abrir seus álbuns de fotografias enquanto, na sala, ou na cama do quarto, contam suas histórias. Esta intimidade que o leitor é chamado a partilhar, esse tom de “sinta-se a vontade”, os segredos revelados, a linguagem econômica e ligeira, todos estes

¹⁸ Texto no anexo e disponível em: <http://nequedizer.blogspot.com.br/2011/05/blog-post_8474.html>

aspectos da escrita fazem com que a pessoa que lê sinta-se parte da família ou como alguém muito próximo a quem confidências de um passado são confiadas.

Nessa outra postagem a seguir, Letícia já nos seduz com seu título que promete uma revelação. Ali mesmo, com humor e astúcia, brinca com a sonoridade da língua portuguesa e apropria-se da letra da língua espanhola que não temos em nosso alfabeto: la eñe. Seu texto parece buscar uma identificação entre a pequena e a grande Letícia, ao descobrir, através de sua mãe, que aos dois anos ela já dava atenção à música, que seria seu instrumento de trabalho quando adulta. A autora confia essa nova descoberta de sua infância, que a deixou feliz, para um leitor que, a princípio, a conhece, pois cita nomes como de seu marido na época. Ao mesmo tempo, frisa não ter filhos, detalhe que seria sabido caso o leitor a conhecesse. São detalhes de sua vida particular que ela ora aborda pormenorizadamente, ora apenas menciona sem apresentar maiores referências. Quando relata algo que acredita ser de conhecimento amplo, diz “isso já sabemos”, o que pode ser um diálogo com o leitor ou uma conversa consigo, mas utilizando-se do plural do verbo. Ao longo do texto, em meio a onomatopeias, confessa que gosta de saber sobre sua infância e cita e emprega palavras que podemos agrupar nos blogs deste tom: sabia, bebê, nasci, minha mãe, infância, descobrir, ilusões, interpreto, não sabia, criança, fiquei feliz de saber.

DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 2012

revelaçõziña

já sabia que fui bebê difícil, filha do verão da classe média sem ar condicionado. caçula de 3, menino é mais fácil? os meus irmãos eram. nasci chatinha, vênus retrógrada, rolou alguma coisa sim. minha mãe cansada, também pudera, parada louca, hoje em dia nem filho tenho e meus amigos só têm 1 e já sofrem, já não saem de casa pra nada, e minha mãe teve 3 em menos de 5 anos, pow pow pow.
gosto de saber da minha infância, é minha lua. me leva diretamente pra isso. lucas não, lua em aquário, acha fofo descobrir, ri, mas não se apegue a isso, de maneira alguma. eu faço alusões, interpreto, levo pra além. pois outro dia mamãe soltou uma inédita. disse que eu não dormia, isso já sabemos, isso mantemos, oh, céus, mas sim eu não dormia de jeito nenhum, e ela ficava na cama comigo, cantando e eu dizia "você está cantando errado, mamãe" ou "não é assim, é melhor você parar de cantar". chata. mas ri baldes. não sabia disso, sempre houve violão na família, mas só mais criança mesmo isso passou percebido. fiquei feliz de saber que já com 2 anos a música tinha um lugar de atenção. chata, insone, maluca, mas atenciosa à letra.

Postado por letrúcia às 06:46 Um comentário:

19

Figura 6 – Reprodução do Blog de Letícia Novaes

¹⁹ Disponível em: <<http://donzelice.blogspot.com.br/2012/10/revelacaozina.html>> Acesso em: mar. 2014.

A relação com diário é muito presente. A escrita em conforme o modelo de cartas também. A possibilidade de memória para o futuro. Há muitos blogs destinados a filhos ainda pequenos. Mariáh Luz manteve seu blog durante toda sua gravidez por meio de cartas a seu filho Fernando, hoje com quase três anos. Antes dela, conheci o blog *Para Francisco*²⁰, escrito com o mesmo modelo de cartas, por uma mãe que ficara viúva durante a gravidez e queria deixar para o filho memórias de seu pai. Atualmente sou leitora assídua do blog *Do seu pai*, já citado, escrito por Pedro para seus filhos. O modelo facilmente se enquadraria (num sentido positivo) à forma livro. Para referir-me a esses blogueiros escrevo seus primeiros nomes e não os sobrenomes pois, de alguma forma, sinto-me íntima, ainda que as relações, que no anexo de entrevistas detalharei, sejam diferentes. A notícia da gravidez de Lua, esposa de Pedro, foi por mim recebida através de seu blog. Meu contato com eles nunca foi físico, mas a leitura constante e em “tempo real” aproxima, cria laços afetivos verdadeiros. Para Letícia - que escreve às vezes sobre seus sobrinhos pequenos²¹ e espera que um dia eles possam descobrir sozinhos esses textos - seria interessante que sua filha (se um dia a tiver) pudesse ler seus escritos no futuro, relação que ela aproxima com o que sentiu ao ler o diário de sua mãe:

Li o diário da minha mãe quando eu tinha uns 18 anos, foi muito impactante. Minha mãe, antes de mim, antes de sonhar comigo... com 14, 15 anos, vivendo uma vida classe média, mas na época da ditadura, sem saber o que queria da vida. Foi forte.

O uso de blogs permite a aproximação entre gerações de escritores/leitores. Em uma “entrada”²² em seu blog, Letícia escreveu sobre o nascimento de seu sobrinho que vive na Inglaterra. Em texto destinado a ele, que só o poderá lê-lo dentro de pelo menos cinco anos (“sete”, segundo ela), a autora alterna-se entre o lugar-comum do afeto familiar e o entusiasmo pelas tecnologias do presente que quase nos antecipam o futuro, além de proporcionarem interações antes tidas como impossíveis.

²⁰ Disponível em: <<http://parafrancisco.blogspot.com.br/>> Acesso em: mar. 2014.

²¹ “o Pedro agora já fala “tia” e “tisha”, já temos dois segredos que não posso contar porque um dia ele vai saber ler e eu vou mostrar isso pra ele e aí ficaria chato, né? segredo é segredo.” Disponível em: <<http://donzelice.blogspot.com.br/2013/04/meus-sobrinhos-nao-se-conhecem.html>> Acesso em: mar. 2014.

²² Sinônimo para “postagem”

Oi sobrinho, são quase duas horas da manhã aqui no Brasil, você acabou de nascer e eu não posso te ver. Mas sabe? Tudo bem. Você chegou no futuro, saiba disso. Vamos nos ver um bocado por uma tela que se chama computador, até que possamos um dia nos ver ao vivo. Esse dia vai ser chato pra você, porque eu vou te dar muitos, muitos abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim.(...) Você ainda vai demorar 7 anos para ler essa carta. *Holly smokes!* 7 anos! Toda uma vida pra acontecer aí.(...) Já vi que vou ser babona, então derramo por hora, por aqui. Por essa fantástica via de comunicação que nos será muito útil no futuro. Prometo não passar arquivos chatos em pps de tia velha. Depois explico o que é pps, não vai ser do seu tempo.²³

Muitos blogs apropriam-se de gêneros literários tradicionais transformando-os. A dupla destinação (aos leitores e a quem se dedica o texto) facilita o uso do formato de cartas, como observaremos também no exemplo a seguir, do blog de Mariáh:

“Oi, bebê...

Hoje foi um dia difícil. A mamãe teve que contar sobre você para o papai por telefone, pois não moramos na mesma cidade. Amanhã ele virá para conversarmos.(...)O dia foi difícil, porque revivi a minha vida sem meu pai. A escolha que ele fez de não viver ao meu lado (ao meu lado e não ao lado da minha mãe) sempre foi uma rachadura no meu coração.(...) Hoje eu entendo a minha mãe, porque é muito difícil falarmos e agirmos por outra pessoa. Mas eu queria muito, mas muito mesmo, que você tivesse um pai diferente do meu.

(ao som de Elis Regina – como nossos pais)²⁴

Nesta postagem, como em diversos blogs, o filho (que vai nascer, no caso de Mariáh) é o intermediário utilizado entre o escritor e o público em grande parte desconhecido, pois que um filho costuma ser um apelo à atenção do outro. Assim, de alguma forma, quem escreve garante a atenção de vários tipos de leitores interessados nas relações familiares. Na carta acima, ao citar a situação de paternidade de seu filho, Mariáh utiliza o espaço de escrita com destaque para seu presente e seu passado com seu pai em um acerto de contas com sua família e com o pensamento voltado para seu filho para quem deseja uma relação paterna diferente da que viveu.

O conjunto de pequenas memórias gera memória histórica e social escrita por outras várias vozes que não somente a voz oficial (do homem branco

²³ Disponível em: <http://lettuce.blogger.com.br/2008_07_01_archive.html> Acesso em: mar. 2014.

²⁴ carta 001 – aquela da primeira preocupação

ocidental, do falocentrismo, do heterocentrismo, etc). Mariáhs, Letícias, Joanas, Pedros, Polas, Yoanis e Isadoras colocam-se no papel ativo de escrita da história que é construída como uma colagem de suas vozes e das de seus leitores. As preocupações, descrições, revelações e lembranças íntimas tornam-se, em conjunto, um retrato a todo instante atualizado do presente.

3.2 Memórias para o presente

O blog de Yoani Sánchez, apesar de, por vezes, fazer regressões ao passado, demonstra interesse plenamente assumido pelo presente, desviando-se dos moldes de correspondências para o futuro. É difícil falar de Cuba sem cair no campo da política. Meu objetivo não é fazer juízo ou adjetivar bons e maus, certos ou errados. O que me interessa enquanto estudo é a percepção de que a voz oficial, hegemônica, tida como a verdade inquestionável, vem, pouco a pouco, sendo substituída, no consenso geral, pelas pequenas narrativas, com o espaço privado ganhando destaque. Com Yoani e outros “intelectuais da rede”, abre-se uma zona de questionamento das verdades únicas colocadas em circulação como discurso silenciador do Estado e das versões oficiais da história. Afinal, quem detém o poder de escrever a Verdade? O que querem apagar da História e o que ressaltar? Se não é a população que escreve a história de onde vive, como saber se há manipulação de informações?

Através do ciberespaço, todos podem tornar-se cidadãos ao ganhar voz por meio da apropriação de novas tecnologias. Para Jameson, o pós-modernismo²⁵ marca o fim do individualismo, a “morte do sujeito”. E George Yudice acredita que na sociedade pós-moderna “os grupos sociais menos favorecidos se organizam para defender os seus direitos e, mais do que isto, para exigir a transformação de uma realidade social que os reprime e sufoca”²⁶. Para ele o pós-modernismo seria a “face crítica do moderno”. E tudo isso pode ser exemplificado e discutido com os textos publicados por Yoani e os outros blogueiros na internet.

²⁵ O termo “pós-modernismo”, muito usado nos anos 70 e 80 em textos anglo-americanos, é problematizado, hoje, por críticos não envolvidos com a vertente dos “Estudos Culturais”.

²⁶ YUDICE, George. “Entrevista: O pós-moderno em debate”. In: Revista Ciência Hoje, 1999.

A hegemonia dos “grandes discursos” vai dando espaço às micronarrativas num mundo cada vez mais fragmentado.

Na descoberta da internet como possibilitadora de visibilidade para os cidadãos comuns, Yoani tem acesso a textos de outros blogueiros e aos comentários feitos por leitores em seu blog, e depara-se então com opiniões semelhantes às dela. Assim, outra “imagem” de Cuba, dos cubanos, nos é apresentada. Uma voz oficial, de governo e/ou mídia não dá conta (e possivelmente nem o quer) de representar todas as “identidades” presentes em um país. E sabemos que isso não é exclusividade de Cuba. Ou todo brasileiro (a própria expressão só deveria ser utilizada na Constituição) passeia cotidianamente no shopping e caminha na orla da praia?

Cada vez percebemos mais os problemas embutidos na “nacionalidade” e as diversas vozes buscando alternativas de espaço para se pronunciarem e se posicionarem. A internet pode ser esse espaço. Outro ponto interessante no blog, *Generación Y* é que os comentários feitos sobre as “postagens” nem sempre são vindos de enviados por moradores de Cuba. Às vezes cubanos (nascidos e “vividros” em Cuba) o acompanham pela internet dos países onde agora moram, manifestando suas opiniões, em grande parte concordando com as palavras de Yoani, fazendo coro com elas.

Penso na questão proposta por Laing, de que a identidade da pessoa é um conjunto formado por sua identidade-para-si-mesma e também sua identidade-para-os-outros, a que os outros lhe atribuem, a que julga que lhe atribuem etc... Se as “definições de si próprio”²⁷ feitas pelos outros são inconsistentes, há confusão, conflito. No caso de Yoani, lhe são atribuídas diversas identidades por vezes dicotômicas: boa *versus* má, corajosa *versus* covarde, direita *versus* esquerda, Cuba *versus* EUA, autêntica *versus* mentirosa, para citar alguns pares que pude observar.

Independente destas atribuições, cabe a nós reconhecer que, na internet, esses novos sujeitos encontram um espaço de visibilidade mundial, e estão por isso sujeitos a diversos olhares sobre si. O mundo informatizado permite a grande circulação de informações – o citado blog cubano, por exemplo, tem suas publicações traduzidas para vinte idiomas. Isso gera longo alcance para a

²⁷ LAING, R. D. Identidade complementar. In: _____. O eu e os outros. Petrópolis: Vozes, 1986.

propagação de ideias e opiniões e para a busca por mudanças na vida pública e política, transformando a anônima cubana em mais um sujeito da história. Pode ser que estejamos vivenciando o fim da história de relato único, escrita pelas instâncias oficiais, com a internet surgindo como essa via alternativa de visibilidade e voz para esse novo intelectual que tem provocado mínimas fissuras no grande discurso hegemônico do Estado. Seria a sedimentação da escrita desenvolvida em movimentos rizomáticos.

Em setembro de 1975, nascia uma menina em *Centro Habana*, no país considerado a “fortaleza do socialismo”. Cresceu acreditando, como seus pais e tantos cubanos, nas promessas da revolução castrista. E acreditando que a autoridade existente era necessária para as conquistas nas áreas de saúde e educação que faziam Cuba escapar da miséria presente em outros países latino-americanos. Durante a infância começou a ter a consciência da divisão entre os cubanos. Presenciou o episódio do porto de Muriel quando uma multidão de 10 mil pessoas se instalou na embaixada peruana em Havana, exigindo a autorização para deixarem Cuba. O governo acabou cedendo e permitindo, mas muitos não conseguiram chegar à outra margem com suas precárias embarcações. O conto “Termina el desfile”, de Reinaldo Arenas, escritor cubano, relata esse acontecimento. Yoani, em seu livro²⁸, também:

Na minha escola primária, nos contavam que eles tinham ido até a outra margem para buscar drogas e perversões. Era assim que eu os imaginava, em uma eterna festa de álcool e risadas a noventa milhas de distância. (...) Não acredito que voltaremos a ter novos acontecimentos como os do porto de Muriel. A emigração ocorre agora de forma mais calada nas rochosas enseadas por onde – a cada madrugada- alguém se lança ao mar e nos consulados abarrotados de gente em busca de um visto. (SÁNCHEZ,2009)

Podemos notar nesse trecho a lembrança, que não temos como afirmar se é “verdadeira” ou não, de um fato ocorrido narrado através de um só olhar. É o chamado “perigo da história única”- termo usado por Chimamanda Adichie, escritora nigeriana, para exemplificar a dificuldade da busca de uma voz afinada, entre outras, com seu contexto, dentro das histórias eurocêntricas que lhe foram contadas durante toda a vida (tema que pretendo, inclusive, abordar em outro momento com a questão da história que ouvimos desde pequenos sempre ignorar

²⁸ O livro *De Cuba com carinho* é a seleção, feita pela autora, de alguns textos publicados em seu blog *Generación Y*

qualquer comportamento diferente do heterossexual). Para a menina Yoani, a verdade única estava no que ouvia na escola. A importância do acesso a outros olhares para um mesmo fato está na possibilidade de escolher, selecionar, recortar e juntar, construindo seu próprio discurso, sendo agente de sua própria história.

No final da adolescência da cubana, seu país entrou no “Período Especial”, momento ruim para a economia devido a fatores como o término dos subsídios soviéticos, já que não mais existia a URSS. Esse período foi marcado pela deterioração dos equipamentos, da saúde, e de outras áreas de atividade. Muitos saíram de seus empregos para trabalhar com o turismo ou a informalidade. A qualidade de vida caiu consideravelmente. No início do novo século a crise econômica deu lugar ao crescimento. E em 2002, a menina, agora já com 26 anos, partiu para um exílio voluntário na Suíça, onde trabalhou no site de uma livraria, entrando em contato com a internet que lá funcionava como deveria sempre ser: livre. E foi à distância que ela acompanhou as reportagens de todo o mundo relatando a “Primavera Negra” de Cuba em que 75 dissidentes políticos foram presos, entre eles 27 jornalistas. Segundo o site Observatório da Imprensa, Cuba é considerado “a segunda maior prisão de profissionais de imprensa do mundo”.

Com todo o acesso às informações que antes lhe eram negadas, a jovem retorna a seu país em 2004 alegando visita aos pais, pois já perdera o direito de retorno a Cuba, e destrói seu passaporte, permanecendo até hoje na capital cubana. (Devo salientar que esse relato é a versão de Yoani). Junto a seu marido, criou a revista digital *Consenso* que originaria depois o portal *Desde Cuba*, de onde surgiriam os *blogs* independentes de diversos cubanos, entre eles o seu, *Generación Y*. Já em 2007 Yoani Sánchez seria eleita pela revista *TIME* como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo naquele ano. Se “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2011, p. 47)²⁹, nada mais justo que fazer parte da construção de identidade nacional na qual somos inseridos assim que nascemos, ainda que não esteja impressa em nossos genes. “Ter uma nação não é atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal.”(GELLNER apud HALL, p.48) A cultura nacional não deve ser imposta, já que as pessoas participam dessa

²⁹ Flores a Hall: imagem disponível em: <<http://instagram.com/p/kuPeKPPcBX/>> Acesso em: mar. 2014.

ideia e vivem esse sentimento de identidade. É no contraste com o outro que se faz essa distinção.

O blog de Yoani, batizado de *Generación Y*, sugere em seu nome a marca de uma identidade. Para Laing identidade “é aquilo pelo qual a pessoa se sente a mesma, neste lugar, neste momento (...) é aquilo pelo qual se identifica.” Yoani justifica a escolha do título de seu site como um “blog inspirado em gente como eu, cujo nome começa por (ou contém) um ‘ípsilon’”. A atribuição dessa letra nos nomes próprios foi muito comum na Cuba da década de 70, que ela considera como marcada “pelas escolas rurais, pelos bonequinhos russos, pelas saídas ilegais e pela frustração.” Há um sentimento de pertencimento, de identificação de um grupo dentro de uma identidade maior, a nação.

No caso do blog de Yoani, que busca intervir politicamente e precisa construir um grupo de simpatizantes, a questão da identidade é importante. Ainda assim, não é uma referência fixa, pois cada um está sempre construindo uma identidade. Disso, ocorrem dois movimentos: o da busca, por Yoani, de um grupo (sua geração) com quem constitua afinidades e, por outro lado, o afastamento da centralização em uma identidade nacional, uma vez que a coesão obrigatória desta é objeto principal de resistência por parte da combativa escritora.

O blog de Yoani tem pontos de aproximação com a escrita “poético-recordativa”, ainda que haja um despojamento jornalístico em sua redação. Mas se distancia dos blogs cuja referência são as cartas e diários íntimos, uma vez que estes centram-se nos sentimentos dos autores e, algumas vezes, submetem (como observamos) o presente vivido às recordações passadas e às projeções para o futuro. Yoani escreve com o tom de urgência necessário de quem visa afetar as atitudes e ações de seus contemporâneos. Ainda que possua textos “recordativos”, o foco de sua escrita é o tempo presente. Em uma postagem, por exemplo, a autora parte de um acontecimento familiar, um trabalho escolar trazido por seu filho, para construir, a partir daí, um debate mais aberto sobre a sociedade, gerando um espaço de interlocução crítico que deriva não de um livro de um escritor que ocupe posição estabelecida e canônica no mundo das Letras, mas do espaço virtual da internet criado por uma mulher do interior de sua casa.